

ALTERAÇÕES E PERMANÊNCIAS: MEXENDO COM O DNA DA GRAVURA

CHANGES AND PERMANENCY: MESSING WITH THE PRINTMAKING DNA

Helena A. R. Kanaan Instituto de Artes UFRGS

RESUMO

Propõe-se para o 30º encontro da ANPAP, compartilhar considerações que transcenderam procedimentos regulares no fazer da gravura. Uma reflexão a cerca de imagens produzidas por um grupo de pesquisa e extensão em circuito acadêmico durante o primeiro semestre de 2021, período em que estivemos trabalhando juntos, à distancia, conectados pelo conceito Mutante. Tal termo é intrínseco ao momento em que vivemos e, ao processual da Arte Impressa no que tange um caminho de transformação. Produzimos e refletimos no paralelo entre a mudança ocorrida em nossas vidas e o procedimento matricial que experimentamos nas práticas de ateliê. Adaptamos equipamentos e inventamos instrumentos para um pós-gravura. Nossos hábitos sofreram mudanças e, as imagens que criamos, apresentaram variantes sem perder essências da linguagem.

PALAVRAS CHAVE:

Pós-Gravura; Mutante; Processual; Fenomenologia

ABSTRACT

For the 30th meeting of ANPAP, it is proposed to share considerations that transcended regular procedures in the making of printing. A reflection on images produced by a research and extension group in an academic circuit during the first semester of 2021, a period in which we were working together, at a distance, connected by the Mutant concept. This term is intrinsic to the moment we live in and to the process of Print Art in terms of a path of transformation. We produce and reflect on the parallel between the change that has taken place in our lives and the matrix procedure we experience in studio practices. We adapt equipment and invent instruments for post-printmaking. Our habits underwent changes and the images we created presented variations without losing language essences.

KEYWORDS:

Post-printmaking; Mutant; Procedural; Phenomenology

Genomas

A reflexão que aqui enfocamos abarca um projeto compartilhado, gerado no eixo extensão e pesquisa da Universidade. Ao iniciar nosso ano letivo, foi eleito pelo grupo Núcleo de Arte Impressa / Práticas Críticas da Gravura, trabalhar o conceito Mutante, um termo em sintonia com o momento vivido e, nada mais intrínseco à técnica em foco, pelo acontecimento devir-imagem. Nos concentramos para captar informações codificadas do DNA da gravura, pensar o conjunto dos genes da linguagem, a fim de

levantar novos modos para diagnosticar ou formular imagens pertinentes aos nossos estudos.

Cada participante ficou livre para criar, sem o rigor de produzir uma gravura tradicional ou mesmo, sem ser um múltiplo na linha Arte Impressa. A partir do que foi sendo apresentado, examinamos apontando o que persiste de informação do que é uma gravura, detectando elementos essenciais.

A complexidade inerente ao desenvolvimento dos processos criativos em Arte Impressa, termo que já alarga o fazer convencional, de antemão, aparecia como modo determinante e promotor das interfaces de trabalhos do grupo, vinculados a distintos suportes. Essas associações e interações foram potencializadas pelo aprofundamento e ampliação de conceitos, em um trabalho associado à distancia que, “[...] estaria justamente no ato de reorganizar este campo de percepção, constituindo uma nova ordem, uma nova ideia a partir dos dados já conhecidos.”¹ (Plaza; Tavares, 1998, p. 68).

Proposto de maneira remota, iniciamos por pensar o deslocamento, pois alteraram-se os espaços físicos comumente frequentados, exercitando nosso estar no mundo e suas transições. Uma confluência em torno da situação pandemia, visualizando transições na ciência e no imaginário coletivo. Vislumbramos transmutações decorrentes em como cada individuo estaria reverberando suas inquietações na produção de novos ensaios. Assistimos muitos vídeos², lemos textos³, conversamos e elegemos o conceito Mutante como embrião para exercer o imaginário. Abrimos assim, caminho para maiores desvios, deixando livre o modo da produção, sem exigências técnicas, sem regras pré-determinadas nem limites de dimensões ou suportes.

Fomos desarticulando convenções, tomando rumos diversos. A vivencia em rede digital, ampliou os fazeres para novas discussões a cerca da gravura, preservando, contudo, uma memória que suporta a carga genética da linguagem. Propusemo-nos um exercício de liberdade, contrastando com a opressão do recolhimento e distanciamento social que a crise sanitária nos trouxe: a impossibilidade do encontro físico, o frequentar do ateliê coletivo, a surpresa com o acontecimento de um gesto alheio que interfere na matriz. Tudo está sendo feito de modo mais solitário, dentro de um quarto, de uma cozinha, misturando tintas com talheres, almofadas com papéis entintados, famílias com ‘lives’ e tutoriais de trabalho. Estamos mutantes, somos mutantes. Não sabemos aonde vamos chegar e nem quanto de nós vamos perder no

caminho. Assim é o processo de uma gravura. Tem seu DNA implantado na matriz, mas vai se transformando até ser impressa, multiplicada com alterações e permanências da imagem origem.

Estabeleceram-se relações, alicerçadas no tempo individual exaltado na imersão, na compreensão de nossa existência em terreno tão compartimentado. Pensar com a gravura nos trouxe a oportunidade de confrontar nossos domínios, entre o modo estar em casa e o mundo lá fora, contaminado por um vírus. Entre as sessões de leitura, seguindo nosso perfil na fenomenologia de Merleau-Ponty, o qual propõe um abandono de fronteiras sensoriais, para uma aproximação com o mundo em sua totalidade, fomos exercitando superar a separação entre o controle da sensibilidade e do entendimento, mesclando no passar de nossos dias confinados, arte, ciência e filosofia, estimulando-nos para que o espírito criador fosse revelando seus mecanismos:

“que se trate de nossa percepção dos objetos que nos envolvem ou que se trate da atividade dos sábios, em todos os casos, sua filosofia buscava apreender seja a percepção exterior, seja a construção da ciência, como o fato de uma atividade de espírito, uma atividade criadora e construtora do espírito.” (Merleau Ponty, 2000, p.250)

Cruzamos assim, operacionalidades conceituais de diversas áreas do conhecimento, sempre retomando imagens do ateliê, trabalhos produzidos anteriormente, em uma mescla de surpresas evidenciadas na experimentação dos dias e das novas imagens geradas.

A dessemelhança é

Já não perseguimos uma edição numerada, o atropelamento do futuro nos faz pensar a ruptura sequencial ordenada e, mesmo que a matriz permaneça, ela já não nos satisfaz somente com o outro, quase idêntico. A incorporação do mundo virtual de modo avassalador muda nossos corpos e nossas emoções mas, não queremos esquecer que a goiva fere a madeira, que a gordura se intromete, se espalha e se fixa nos poros da pedra calcária, ou que, mergulhar uma placa de metal num tanque com ácido provoca desgastes em suas zonas sem proteção, expondo como carne ferida a impureza resultante da ação corrosiva. Depois de marcadas, as matrizes são entintadas e, poderão então, encontrar o momento da transmissão de suas agruras

de quando foram atacadas. Rolos ou buchas revelam as matrizes e, a folha de papel roubará sua essência viscosa e a transformará em mancha impressa, denunciando as contaminações, como nos nossos dias imprevistos.

É o momento pós-gravura, termo evidenciado no grupo, pois, temos anunciações sem relação visual ostensiva com a técnica, mas com seu cerne, fundamentado em inúmeras manifestações contemporâneas.

Nesta proposta em que objetivamos criar e refletir sobre o alargamento da linguagem, fomos escavando e incorporando conceitos advindos da prática, apoiados em leituras referentes a mudanças paradigmáticas na história da arte e na ciência. A cada semana, realizaram-se trabalhos poéticos com o intento de estimular os participantes a um estado de percepção distinto ao vivido em salas de aula e jornadas presenciais, observando as diferenças comportamentais entre a movimentação física anterior e as dos encontros on-line.

Buscamos juntos um estado de reflexão, ainda sistematizado em termos acadêmicos científicos na produção em poéticas visuais; as hipóteses levantadas têm sido compatíveis com os resultados alcançados, no que se refere à expansão dos conceitos operatórios do gravar / imprimir / multiplicar. Os trabalhos incluem informações considerando a individualidade, unindo campos de conhecimento; disciplinas que estão sendo cursadas no ensino remoto, 'lições de casa', cientificidade e sensórios. Deparamos assim com um fazer que abarca o dentro e o fora com mais intensidade, aspirando o ponto de mutação, interseccionando e sobrepondo áreas, promovendo novas posturas, diferentes fazeres.

Essa nova postura, com olhos mais abertos ao cruzamento com a física, com a química, com a geologia e mesmo com, a pintura, a infografia, vídeo, fotografia e outras tecnologias, amplia a realidade da proposta, que, por sua vez, coincide com a noção de incerteza, alertando-nos para dilatar os pontos de observação, comungados a partir da experiência individual. Ver o mundo como uma enorme matriz escavada, erodida, pontilhada por complexos inter-relacionamentos.

Ver assim diferente, querer ver assim diferente é uma grande disciplina e preparação de intelecto para sua futura objetividade _ a qual não é entendida como observação desinteressada (um absurdo sem sentido) mas como a faculdade de ter seu pró e seu contra sob controle e deles poder dispor: de modo a saber utilizar em prol do conhecimento a diversidade de perspectivas e interpretações afetivas. (Nietzsche, 1978, p.12)

Nesta linha de pensamento, o grupo se propõe a uma estrutura corpo único, somos uma matriz de pensamento de um pós-gravura, onde cada elemento grava e multiplica com enfoque sobre o campo relacional, estimulando apropriar-se de outros meios. Para tal, estamos esmiuçando as características inerentes à produção da imagem múltipla, uma pesquisa empírica, implicando em descobertas e utilização de procedimentos híbridos. Alterações formais ou substanciais, fazem parte das mutações que naturalmente se apresentam pelos fenômenos de superfície das matérias que trabalhamos ou, que as induzimos a fatores externos.

Nas marcas, o dna de nossas matrizes

Sempre nos acompanharam pensamentos com cenas de ficção relativas a um futuro longínquo, estamos vivendo esse futuro no agora. Ao longo da história, o ser humano tem presenciado grandes mudanças de cunho comportamental nos vários campos do conhecimento. Foram relevantes as ocorridas nos últimos dois séculos, mas outros momentos já anunciaram ameaça de extinção da humanidade. A passagem da Idade Média para a Idade Moderna, bactérias mortais como a peste bubônica, agressivas invasões como resultado de conquistas territoriais, embates religiosos, revoltas sociais gerando fome, medos, inseguranças. Superfícies corroídas que provocam alterações e remodelam sociedades inteiras para um novo porvir. Novas imagens, novos modos de se multiplicar.

Pensando um pouco com o filósofo Gerard Lebrun, na leitura que fizemos do texto “A mutação da arte” (1983), acompanhamos um pouco das diferentes fases vividas pela arte. Rituais com o sagrado, que se estenderam desde a antiguidade até a era medieval, questões do Belo como atributo da arte, que para Nietzsche⁴ apenas servia para apimentar os horrores do inexplicável da existência e nossas finitudes.

Considerável para nossos estudos do grupo, foi a mutação que se deu com o advento das técnicas de reprodutibilidade⁵. Na área sonora tivemos a invenção do gramofone, permitindo que a música chegasse a centenas de pessoas em suas próprias casas, deixando de ser um privilegio dos que poderiam estar em uma sala única para recitais. A fotografia aparece, levando a imagem para lugares incomuns, sem o compromisso da mão do artista, liberando o pintor da mimese. A relação de contemplação da obra única, rapidamente adquiri comportamentos que substituem a aura. O valor de comercialização e o conhecimento crítico, acarretam a eclosão de um outro público,

a obra de arte vai ao espectador. A gravura pelo seu poder de proliferação, já apresentava tais características e reaparece num cenário renascido nas sociedades de consumo.

As variáveis: buscando passagem para um mundo visual sem fronteiras

A proposta do projeto Mutante reinscreve a importância desta área que tratamos como pós-gravura. Buscando sinônimos para 'mutar' encontramos: modificar, alterar, transformar, tornar-se, transfigurar, metamorfosear, transmutar, imutar. Isso pode se dar, retirando do vocabulário científico, pela adição, subtração, incorporação, inversão, replicação, indução. Contagiados por essas ações fomos atravessando pontes, encontrando passagens para um mundo visual sem fronteiras, gerando imagens híbridas.

Incorporamos novas formas do fazer que pensa a transmissão, a transferência, a multiplicação, a matriz, o outro, unindo meios técnicos dos dias atuais, com matrizes medievais. Ainda no sec. XX, Marshall McLuhan⁶ ao estudar o mundo das comunicações, já nos alertava para a importância da confluência de vários meios, trazendo à tona o conceito de meios híbridos. Tal afluência rompeu com muitos paradigmas técnicos das artes visuais, mesclando com mais evidência as interfaces e meios.

A gravura por si, se oferece com muita pertinência ao híbrido, dialoga e incorpora linguagens com agilidade, se apropria combinando atualizações para o múltiplo. O gravador contemporâneo extrapola as convenções, avança em campos desconhecidos, trabalha com a essência, ampliando o conceito.

Neste momento agrega-se a nova postura do ser artista pesquisador para nosso grupo. Não é mais a obra de arte feita em ateliê coletivo, com equipamentos pertinentes a cada técnica que importa, mas sim, as possibilidades em aberto que a situação emergencial nos alerta. Repensando o processo criativo, consideramos que um meio técnico nunca está fechado nos limites pretendidos, nem mesmo nos planejamentos curriculares ou nos pressupostos para montagem de uma mostra, com certa unidade de suporte. Agora, ainda mais, lidamos com abolição das molduras, do papel com margens límpidas, com as assinaturas datadas.

Podemos falar em reinvenção do grupo, conduzida com mais velocidade pela nossa atual contextualização. Isso nos faz novamente pensar com McLuhan quando na clássica frase diz que, "se os meios não se fixam, também não se esgotam"⁷,

recriamos, reimplantamos, alteramos. Desafios do novo tempo, percebendo na crise social a crise dos conceitos convencionais da arte, injetando cargas criativas adequadas ao sensório vigente.

Ver as produções/obras sob diferentes pontos de absorção e de entendimento: perceber que algo estava represado e que, ao trabalhar no interior de cada uma de nossas casas, sobre saíram as diferenças. Estamos sim ligados ao mundo lá fora, mas há um hiato na comunicação com o entorno até então emoldurado. É aqui que as fronteiras sensoriais se dissipam e, a unidade das coisas pode se fazer em um outro nível, apreendendo com mais detalhes e explorando com mais atenção os nossos cinco sentidos⁸.

Mutações silenciosas

Esse é o exercício que temos praticado e, como resultados parciais, Amanda Charão*, nos apresenta uma concepção visual que parte do aquoso (fig.1), do transitório, ciclos, perenidade e efemeridades. A água, como aquela que é sempre a mesma em sua matriz constituinte de H₂O mas nunca se repete, impulsiona para o novo, o outro, o movimento. Mantendo as mesmas moléculas se apresenta nos vários estados, adquirindo formas mutantes.



Fig.1. Amanda Charão. Gelo com tinta aquarela. Dimensões variáveis. 2021.

Ário Gonçalves* trabalha pensando o tempo, expõe suas matrizes, suas memórias, em fotos da sua mãe já falecida (fig.2). Em transparências, submetidas dias ao rigor da luz solar, imprime a marca da presença-ausência nas estampas que, pelo desbotamento do tecido, revela a imagem. O dia e a noite, o claro e o escuro da vida.



Fig.2. Ário Gonçalves. Fotolito, tecido exposto à luz solar e intempéries. 15x15cm. 2021.

Bruno Tamboreno* subverte a matriz, considerando-a a própria obra que se apresenta no tri dimensional (fig. 3). Em placas de alumínio, grava, corrói, desenha e imprime imagens que se mesclam numa busca do lugar sem achar o onde da técnica, oferecendo um agradável incomodo ao olhar. A matriz é o próprio suporte, emergindo ali, questões do espelhamento e das subcamadas que compõe a imagem mutante.



Fig.3. Bruno Tamboreno. Placas de off set reutilizadas, nanquim, guache, pastel oleoso. 31 x 21 x 8cm, 2021.

Caroline Veilson* elege objetos do cotidiano (fig.4) que, ao se projetarem como sombra, criam o outro. Já não é o mesmo, mas não se separa de seu índice pois se perderia de sua existência. Cria anamorfoses questionando o real e o inventado, observando e retendo aparições que nos assolam, dando cor aos dias sombrios.



Fig. 4. Caroline Veilson. Desenho, projeção, chine collè, sobre papel 100% algodão. 112 x 76 cm, 2021.

Maria Ana Emerich* auto fotografa-se, questionando o corpo (fig.5), a existência, a presença no mundo. Investindo na imagem híbrida, transfere para tela de serigrafia, imprime e conquista o movimento a diferença nas cores e texturas.



Fig. 5. Maria Ana Emerich. Fotografia, serigrafia, vídeo. Dimensões variáveis, 2021.

São os desafios de cada participante que, imbuídos com a própria poética, compelem agentes no caminho, exaltando o experimentalismo no que se refere à subversão do estado de constituição dos procedimentos sobre as matrizes, agregando-os a outros meios.

Bruna Lummertz* provém do desenho e, pelo estêncil, cria um enxame que invade sua casa (fig. 6), como se o perigo que esta lá fora possa se instalar ali dentro, se não

houver o cuidado que a pandemia nos impõe. A repetição também é dada por projeções que alteram as dimensões dos insetos desenhados e lançados pelas paredes, levando a um embate com o estranhamento.



Fig. 6. Bruna Lummertz. Desenho, serigrafia, projeção. Dimensões variáveis. 2021.

Bian* trabalha com o labirinto (fig. 7), como o tempo em que estamos caminhando, sem achar a saída. A fim de dinamizar, cria um 'time lapse' que nos embaralha ainda mais, trazendo sensações de opressão.



Fig. 7. Bian. Linóleo, Gravura em metal, time lapse. Dimensoes variáveis, 2021.

Considerações finais

Neste exercício procuramos analisar conceitos que surgem na prática artística, filosófica, técnica, tecnológica e científica dos participantes do grupo e, confrontá-los com as noções oriundas no pensamento dos autores nomeados e nos diálogos com nossos pares. Verificamos que através das dinâmicas anteriores a este projeto, ficou

claro que a Arte Impressa, com as condições proporcionadas em encontros presenciais, oferece uma força tão potente quanto a que encontramos em situação adversa conduzida pelo 'lockdown', vivido em função do vírus covid-19 que assolou o planeta terra. Nos engajamos com as tecnologias, promovendo pensamento crítico e de renovação para as artes, distinguindo dos nossos fazeres pré-concebidos.

Passado o impacto do distanciamento, a situação outorgou-nos a criação de estratégias e metodologias de apresentação, registro e análise crítica interdisciplinar num processo de encontros síncronos, construindo biblioteca virtual, drives de pesquisa com as produções de cada um, mapeamento dos autores referentes, fortalecendo o grupo como artistas pesquisadores extensionistas. Pensamos assim contribuir com a ampliação de público, alargando nossos fazeres a uma rede de criadores, pensadores, críticos, oferecendo workshops em plataformas online, para outros artistas, galerias, comunidades e escolas que queiram compreender um pouco mais sobre os deslimites da gravura.

A aproximação entre linguagens, aponta um viés para a indefinição de fronteiras, discutindo renovações e descentralidades, aludindo à polissemia sem desvanecer a técnica. Mantem-se a ideia matricial e a sua transferência repousa agora em panos, paredes, papeis, água. Ressaltamos arte e ciência, cada uma em sua natureza, intuindo enriquecer e renovar imaginários. Abrimos mão de um trabalho meramente técnico com a gravura, mas sempre evidenciando função cognitiva sensível e a racionalidade da ciência. O importante é manter essa diferença como diz Couchot, "entre a certeza da ciência e as incertezas da sensibilidade postas pela arte."⁹

Assim tem sido nossa digressão, romper com o estado das coisas, buscar renovação nas técnicas, sobrepondo-as com tecnologias e compondo-as com novos meios, encontrando variáveis no ideado artístico. Nas experimentações em casa, encontramos materiais que ali estavam a nossa espera, com acesso facilitado e de baixo custo. Realidade diferente da que experimentamos em um ateliê organizado com todas as especificidades da técnica orientada. Assim, ao olhar para nosso momento de distanciamento social, pensamos com Marcos Butti¹⁰ na "técnica vivida" retomando parte do percurso de várias etapas de nossos estudos. A criação se renova e se reafirma ao construir uma poética voltada ao seu conhecimento e ao novo, encadeando métodos de maneira concisa, ligados à aprendizagem e ao ensino.

Notas

¹ O livro é dirigido para pensar a linguagem digital mas, adaptamos muito de seus textos para pensar a gravura. (Plaza, Tavares, 1968)

² Entre eles assistimos: vídeo: “Maria Bonomi”, entrevista com a artista plástica homenageada no Relatório de Atividades 2014 da FAPESP. Entrevista gravada em junho de 2015, em São Paulo. <https://www.youtube.com/watch?v=vo6xugpVygq> FAP ESP.

Vídeo: “Impressões de Carlos Vergara” da série “O mundo da Arte”. <https://www.youtube.com/watch?v=KiFaAhtaZRo>

³ Texto que nos reafirmou a gravura como mutante: Maria Bonomi - decênio de 1990: trechos e palavras chave.

(http://www.mariabonomi.com.br/escritos_decenio_1990.asp)

PERENE MUTANTE: A unicidade da linguagem gráfica, a peculiar insubstituibilidade expressiva deste universo artístico, propicia desde os primórdios a sua permanência.

Acreditamos que quanto mais a gravura se transforma mais ela se reafirma como a GRANDE MUTANTE. (Bonomi, 1999)

⁴ NIETZSCHE, F. Obras incompletas, in: Os Pensadores. (2000) Neste livro o autor nos propõe que a arte possui o poder de transformar o vazio em vitalidade, ela poderia deslocar a náusea e o horror da existência em representações, fazendo do Belo uma experiência que inclui as dimensões da dor e do horror. Ainda com Nietzsche discutimos a ideia que o essencial de um ato estético é a criação de uma imagem interior, isto é, uma visão, um sonho do mundo exterior, não só daquilo que é mais belo, mas também daquilo que é mais imponente e doloroso na vida. (Idem) p.104.

⁵ BENJAMIN, Walter. 1985. Cap III. [...]e seu valor de culto é drasticamente alterado graças à tecnologia industrial vigente. Neste cenário abrem-se as portas para o valor de exposição, onde o fundamental é distribuir cópias e faturar em cima da distribuição da arte.

⁶ MCLUHAN, Marshall, O meio é a Mensagem. In: Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem, São Paulo: Cultrix, 1969.

⁷ (Ibidem) A forma de estar em contato com a realidade é mediada pelos sentidos, assim ele cria a relação que cada meio de comunicação estaria associado a um ou vários sentidos humanos. Assim qualquer tipo de alteração nos meios de comunicação também alterava o padrão relacional entre os sentidos, alterando de forma profunda a nossa compreensão do mundo. pp. 21-37.

⁸ SERRES, Michel. Nessa leitura apreciamos o que o autor propõe como uma cultura da mestiçagem, na qual se atém aos opostos: o duro e o suave, o claro e o escuro, o antigo e o contemporâneo, o monoteísmo e o politeísmo, o branco e o preto. [...] Os cinco sentidos revela uma linguagem que passa direto, do rigor matemático à mais pura poesia e do termo exato a uma profusão de palavras. Sentidos que buscamos nos nossos exercícios prático-reflexivos.

⁹ Couchot, (2003) “entre a certeza da ciência e as incertezas da sensibilidade postas pela arte.”_O autor adverte para pensar os cruzamentos e envolvimento que ao se produzirem, promovem uma situação que ultrapassa a interdisciplinaridade. Este comentário se aprofunda também em seu outro livro A natureza da arte: o que as ciências cognitivas revelam sobre o prazer estético, 2019, p. 37-48.

¹⁰ Butti, artista visual e professor na ECA USP, comenta no artigo A gravação como processo de pensamento, que a técnica vivida é quando junto experimentamos novos fazeres atentos a uma crítica individual, é quando o artista “Estende suas exigências ao espaço do atelier: se o coletivo é uma oficina com possibilidades para todos, o atelier do artista torna-se uma extensão da sua mente e do seu corpo. 1996, p.109 -110.

Referências

- BENJAMIN, W. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BUTI, M. A gravação como processo de pensamento. São Paulo: Revista USP (29) março/maio 1996.
- COUCHOT, Edmond. Da representação à simulação. In: PARENTE, A. (org.). Imagem máquina: a era das tecnologias do virtual. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
- _____. A tecnologia na arte; da fotografia à realidade virtual. Tradução de Sandra Rey. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.
- _____. A natureza da arte: o que as ciências cognitivas revelam sobre o prazer estético, São Paulo: Editora UNESP, 2019.
- LEBRUN, Gérard. A mutação da obra de arte. In: LEÃO, Emmanuel Carneiro; LEBRUN, Gérard; BORNHEIM, Gerd; GIANNOTTI, José Arthur. *Arte e filosofia*. Rio de Janeiro, Funarte/Inap, 1983.
- MCLUHAN, Marshall, O meio é a Mensagem. In: Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem, São Paulo: Cultrix, 1969.
- MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da percepção. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- _____. *Parcours deux (1951-1961)*. Paris: Éditions Verdier, 2000.
- NIETZSCHE, F. Obras incompletas, in: Os Pensadores. Trad. Rubens T. Filho. São Paulo: Abril Cultural, 2000.
- _____. Genealogia da Moral. III. (trad.) Paulo Cesar de Souza São Paulo: Cia de Bolso, 2009.
- _____. *Ecce hommo*. (trad.) Paulo Cesar de Souza São Paulo: Cia de Bolso, 2008.
- PLAZA; TAVARES, M. Processos criativos com os meios tecnológicos; poéticas digitais. São Paulo: Hucitec, 1998.
- SERRES, Michel. Os cinco sentidos e a filosofia dos corpos misturados. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

Helena Araújo Rodrigues Kanaan Instituto de Artes UFRGS

***Componentes do Grupo** de Pesquisa e Extensão no projeto Mutante: Amanda Charão, Ário Gonçalves, Bruno Tamboreno, Bruna Lummertz, Bian, Caroline Veilson, Maria Ana Emerich.

Todas imagens dispostas no texto acima pertencem ao acervo pessoal de cada artista e foram liberados os direitos autorais para este artigo.